

# SIMÕES DE ASSIS

Sergio Lucena

Festa do Interior

Folk Festivities

11 de agosto a 24 de setembro 2022

august 11 to september 24 2022

**São Paulo**

rua sarandi 113a

01414-010 sp brasil

+55 11 3063-3394

## “A festa é o lugar do encanto”

E a festa é, também, o lugar do encontro...

O trabalho de Sergio Lucena acontece em dois lugares: um, matérico, profundamente ligado à cor, à textura, às incontáveis camadas de tinta, às linhas, nuances e manchas; e outro, metafísico, que corresponde à dimensão anímica da pintura, capaz de revelar estados de espírito e provocar reações afetivas, íntimas, viscerais. Essa dualidade informa sua produção há vinte anos, desde as primeiras paisagens figurativas, até os vibrantes campos coloridos, construídos arduamente sobre o peso acumulado do óleo, passando por sugestões geométricas misteriosas e composições orgânicas. Inserida neste panorama está “Festa do Interior”, sua primeira individual no espaço de São Paulo da Simões de Assis, na qual se apresenta diferentes agrupamentos e séries.

Primeiro, há um corpo considerável de pequenos formatos, esforço recente que contrasta com as grandes telas que o artista costuma criar. Como diminutas janelas verticais, um conjunto de pinturas abstratas ostenta, por entre estreitas faixas laterais de pigmentação sólida, gradações de matizes mais suaves, marcados volta e meia por outros mais intensos, carregados. É uma estrutura um tanto rígida que ladeia uma superfície pictórica fluida, engendrando uma espécie de moldura de tinta que denuncia os pontos de partida da obra, ao mesmo tempo que aponta para onde ela quer caminhar. Contudo, a parte superior da composição fica aberta ao céu, sem essa tarja, tal qual um receptáculo exposto às intempéries imateriais. A luz contida nessas peças ora adentra o campo de cima, escorrendo, banhando-o; ora parece emergir das bordas e do fundo, como se sendo absorvida.

Em um segundo momento, outros dois grupos de trabalhos de escala igualmente reduzida revelam composições inéditas para Lucena. Formadas de geometrias simbólicas preenchidas por tonalidades pastéis e chapadas, suas laterais são marcadas não por cor, mas pelo linho cru rústico que insiste em irromper pelas beiradas. É a tela fazendo a vez de tinta. Essas obras invocam, de maneira menos latente e mais consciente, ícones espirituais, ao mesmo tempo que evocam as arquiteturas vernaculares que habitam há muito o imaginário do artista. São a reverberação da espiritualidade combinada à imagem das paredes caiadas sob as beiras retas que sombreavam as janelas das casas e vendas pelas ruas de paralelepípedo do interior – reminiscências resgatadas e reconstruídas de sua infância no sertão da Paraíba, um lugar primordial, fundante para seu interesse pela luz, pela natureza e pelo arrebatamento com o sublime das vistas que se fixavam em sua retina.

Nesta mostra há também trabalhos de proporções extensas, como “Festa do Interior no. 13” e “Festa do Interior no. 16”, pintadas com tons de rosa e azul deslavados, de saturação amena. Elas se comportam quase como irmãs, similares mas diferentes: uma é mais fria, a outra é mais quente; uma é gráfica, a outra, orgânica; uma é chapada, a outra tem gradientes intrincados, em infinitas nuances. A escolha das cores remete, outra vez, à cultura folclórica do interior, mas também a uma memória da arte moderna no país, que muito se valeu das tradições populares – tanto na temática, quanto na estética. De certo modo, são os mesmos rosas e azuis caipiras (outrora até considerados cafonas) que marcaram a produção de Tarsila do Amaral depois de seu retorno ao Brasil, frequentemente aplicados ao casario estilizado em bandeirinhas das têmperas de Alfredo Volpi, ou a alguns céus de Guignard.

Por fim, como uma espécie de amálgama-síntese da exposição, uma obra de grande escala carrega o elemento geométrico como protagonista – algo entre o sagrado ancestral e a arquitetura popular que já emergira nos trabalhos miúdos. A figura ganha contornos de uma pirâmide dourada ascendente, pairando sobre um azul solar, vigoroso, ladeado por faixas verticais de subtons também cerúleos. De alguma maneira, mesmo que numa paleta muito distinta, a composição parece retomar a série de pinturas para o templo, criadas por Hilma af Klint há mais de 100 anos (lembrando, especialmente, as peças do altar).

Assim, “Festa do Interior” é uma grande celebração dos valores que conformam esse rico arcabouço de distintas referências: do coração da cultura do sertão, ao caráter lúdico da arte, passando pelo encantamento com a natureza, pelos alicerces das construções vernaculares, pela energia dos símbolos de religiosidades sincréticas, e até pelos fundamentos do modernismo brasileiro. A perspectiva operada reiteradamente pelo artista ao atravessar todas essas esferas é a da afirmação do belo como ingrediente indispensável à vida: adentrar o espaço expositivo é sentir, de imediato, a atmosfera luminosa de júbilo e festejo que transborda por todos os lados. Mais do que falar de um mundo que já existe (e que, francamente, se encontra em ruínas), esta mostra de Sergio Lucena nos ajuda a imaginar outros mundos possíveis, nos quais a luz, o brilho, a paisagem, a natureza, a memória, o popular e o erudito, a tradição e a transformação, o fantástico, o místico e o extraordinário possam insurgir nossos modos de ser e de criar.



## “Festivities are a place of enchantment”

And, also, a place of encounters...

The work of Sergio Lucena takes place in two realms: one is material, deeply attached to colors, to textures, to countless layers of paint, to lines and to nuances; the other is metaphysical, corresponding to the soulful dimension of painting, which is capable of revealing states of mind and of provoking affective, intimate and visceral reactions. This duality has been informing his production for over 20 years, from his first figurative landscapes, to the vibrant color fields laboriously built on the accumulated weight of the oil paint, through mysterious geometric suggestions and organic compositions. “Festa do Interior” (Folk Festivities), his first solo show in the São Paulo venue of Simões de Assis, is part of this panorama, presenting new series and bodies of work.

To begin with, there’s a considerable body of small works, a recent endeavor of the artist, contrasting with the large pieces he usually creates. Like little vertical windows, a set of abstract paintings display, in between thin side streaks of solid pigmentation, gradations of softer shades, marked every now and again by more intense, charged hues. It is a rather rigid structure that flanks a fluid pictorial surface, engineering a kind of painting frame that denounces the work’s starting point, as well as where it aims to reach. However, the top part remains open to the sky, without the strip, like a repository exposed to immaterial elements. The light contained in these artworks sometimes meets the field from above, flowing down, bathing it. Other times, it seems to emerge from the edges and the background, as if being absorbed.

Then, two other groups of oeuvres of equally reduced scale reveal new composition in Lucena’s practice. Formed by symbolic geometries filled with flatter pastel shades, their flanks are marked not by color, but by the raw rustic linen that insists in irrupting through the edges. The fabric plays the part of the paint. These works invoke, in a more conscious way, spiritual icons, while also evoking the vernacular architecture that, for a long time, has inhabited the artist’s imagination. These are reverberations of his spirituality, combined with the image of the whitewashed colorful walls of homes and small shops along paving stone streets of the countryside – recovered and reconstructed reminiscences from his childhood in the Paraíba hinterland, a primordial place, foundational for his interest in light, nature and the astonishment in the face of the sublime views imprinted on his retinas.

In this exhibition there are also works of wider proportions, such as “Festa do Interior no. 13” and “Festa do Interior no. 16”, painted in mildly saturated, pale pink and blue tones. They behave almost like sisters, similar but different: one is cooler, the other is warmer; one is graphic, the other organic; one is flat, the other has intricate gradients, in infinite nuances. The choice of colors refers, once again, to the folk culture of the Brazilian countryside, but also to a memory of modern art in the country, which repeatedly employed popular traditions both in terms of theme and of aesthetics. In a way, they are the same caipira<sup>1</sup> pinks and blues (once even considered tacky) that marked the production of Tarsila do Amaral after her return to Brazil, which were also often applied to the houses stylized into flags of Alfredo Volpi’s temperas, or to some skies in Guignard’s oils.

Lastly, as a kind of amalgamation-synthesis of the exhibition, a large-scale work carries the geometric element as its protagonist – something between the sacred ancestral and the popular architecture that had already emerged in the smaller works. The figure takes on the contours of an ascending golden pyramid, hovering over a vigorous solar blue, flanked by vertical streaks of cerulean undertones. Somehow, even if in a very different palette, the composition seems to resume the series of Paintings for the Temple created by Hilma af Klint more than 100 years ago (especially, the altar pieces).

Thus, “Festa do Interior” is a great celebration of the values that make up this rich framework of different references: from the heart of the hinterland cultures, to the playful dimension of art, passing through the fascination with nature, the foundations of vernacular constructions, the energy of the symbols from syncretic religions, and even through the basis of Brazilian modernism. The perspective repeatedly operated by the artist when encompassing all these realms is the affirmation of beauty as something indispensable to life. Upon entering the exhibition space, one feels, immediately, the luminous atmosphere of joy and celebration that overflows from every corner. More than talking about a world that already exists (and which, frankly, is in ruins), this exhibition helps us to imagine other possible worlds, in which light, brightness, landscapes, nature, memories, the popular and the erudite, the traditional and the transformative, the fantastic, the mystical and the extraordinary may arise in our ways of being and creating.

<sup>1</sup> Caipira is an expression used to designate people who live in rural areas and in the small towns in the countryside or the hinterlands of Brazil.





Festa do interior - Nº 16, 2022

óleo sobre tela

180 x 180 cm

oil on canvas

70 <sup>7</sup>/<sub>8</sub> x 70 <sup>7</sup>/<sub>8</sub> in





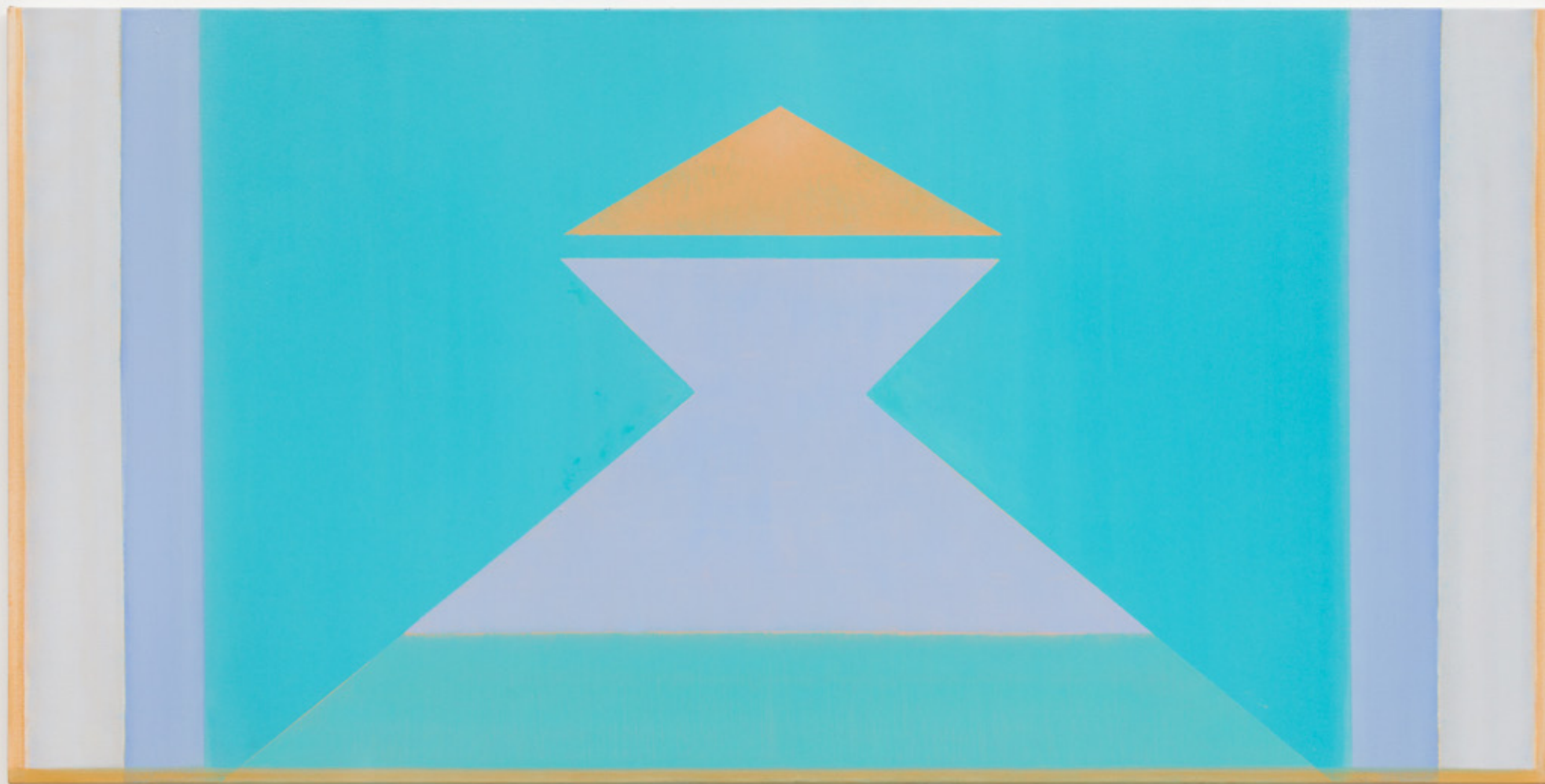
Festa do interior - Amarelo Luz, 2022  
óleo sobre tela  
80 x 70 cm  
oil on canvas  
31 ¾ x 27 ¾ in











Festa do interior - Nº 14, 2022

óleo sobre linho

110 x 220 cm

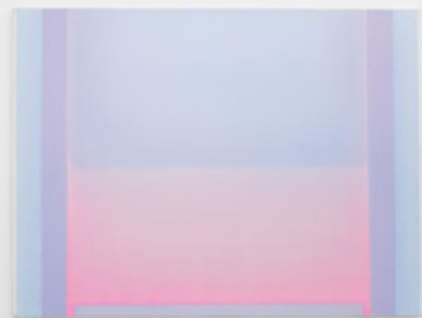
oil on linen

43 ⅓ x 86 ¾ in





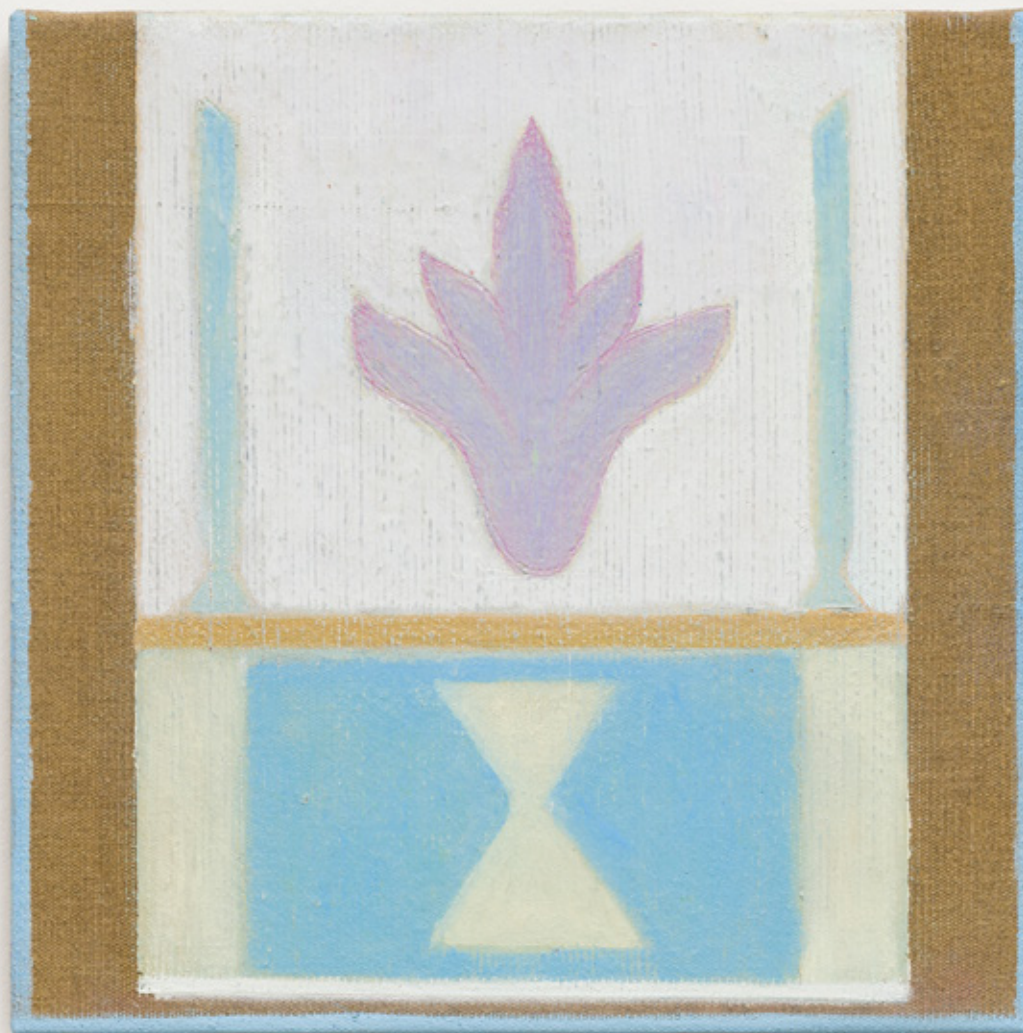




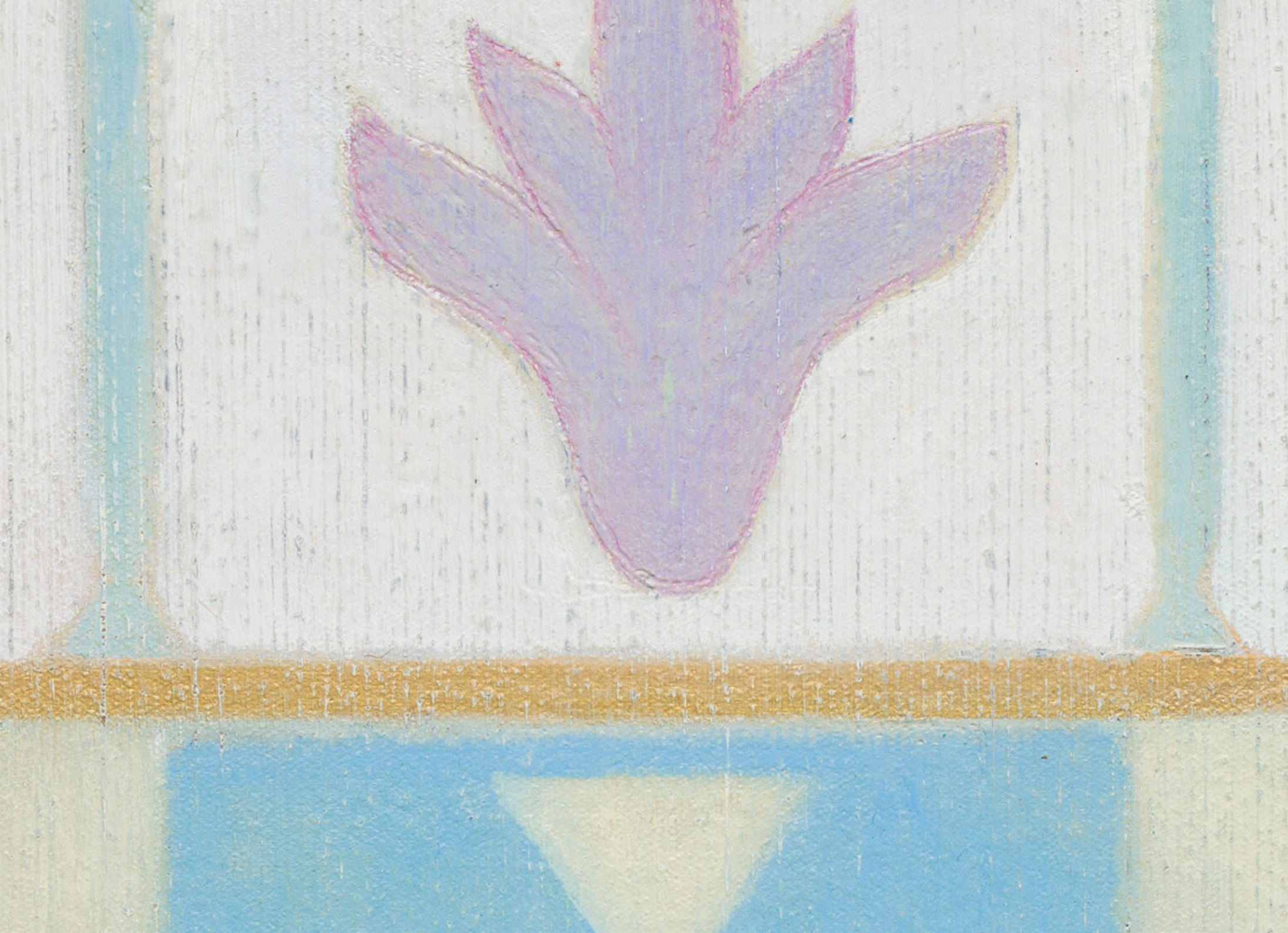
Festa do interior - Nº 01, 2022  
óleo sobre linho  
40 x 40 cm  
oil on linen  
15 ¾ x 15 ¾ in



Festa do interior - Nº 02, 2022  
óleo sobre linho  
40 x 40 cm  
oil on linen  
15 ¾ x 15 ¾ in



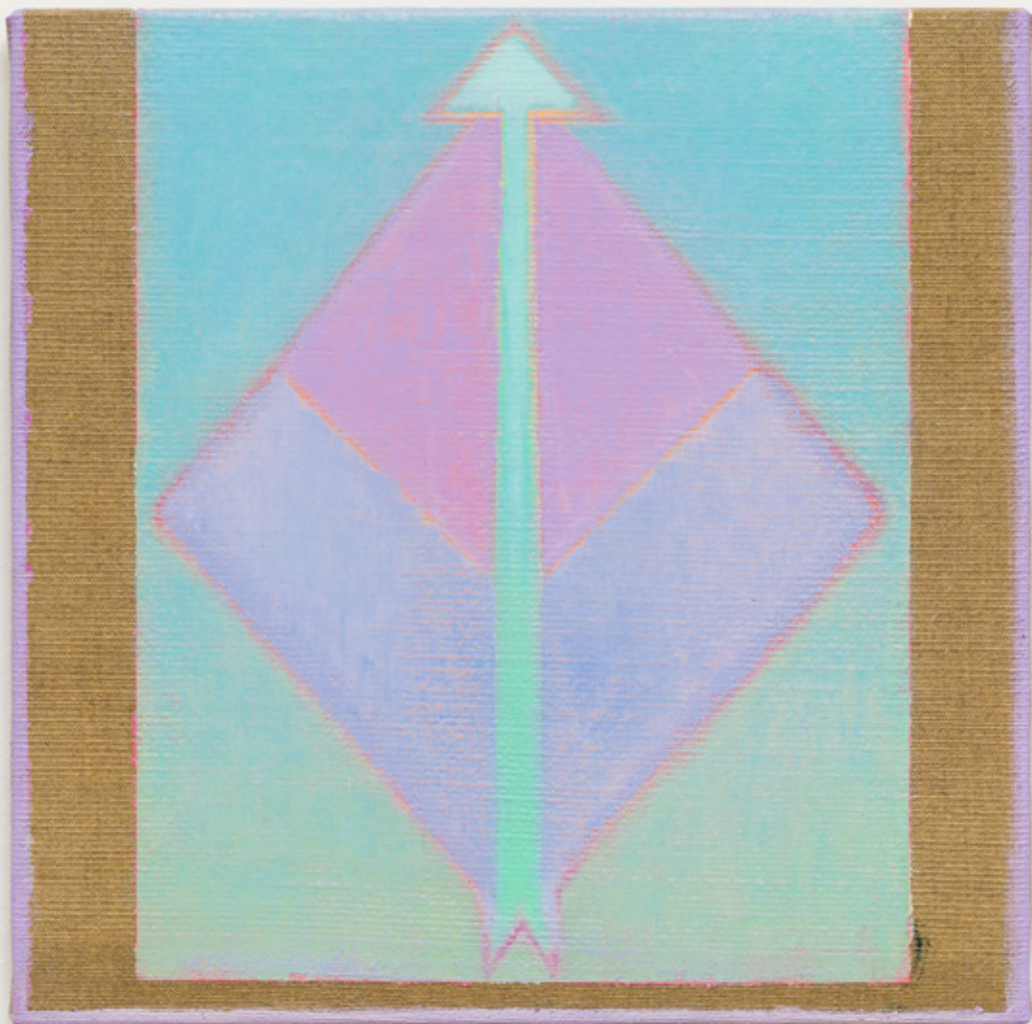








Festa do interior - Nº 03, 2022  
óleo sobre linho  
40 x 40 cm  
oil on linen  
15 ¾ x 15 ¾ in



Festa do interior - N° 04, 2022  
óleo sobre linho  
40 x 40 cm  
oil on linen  
15 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> x 15 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> in





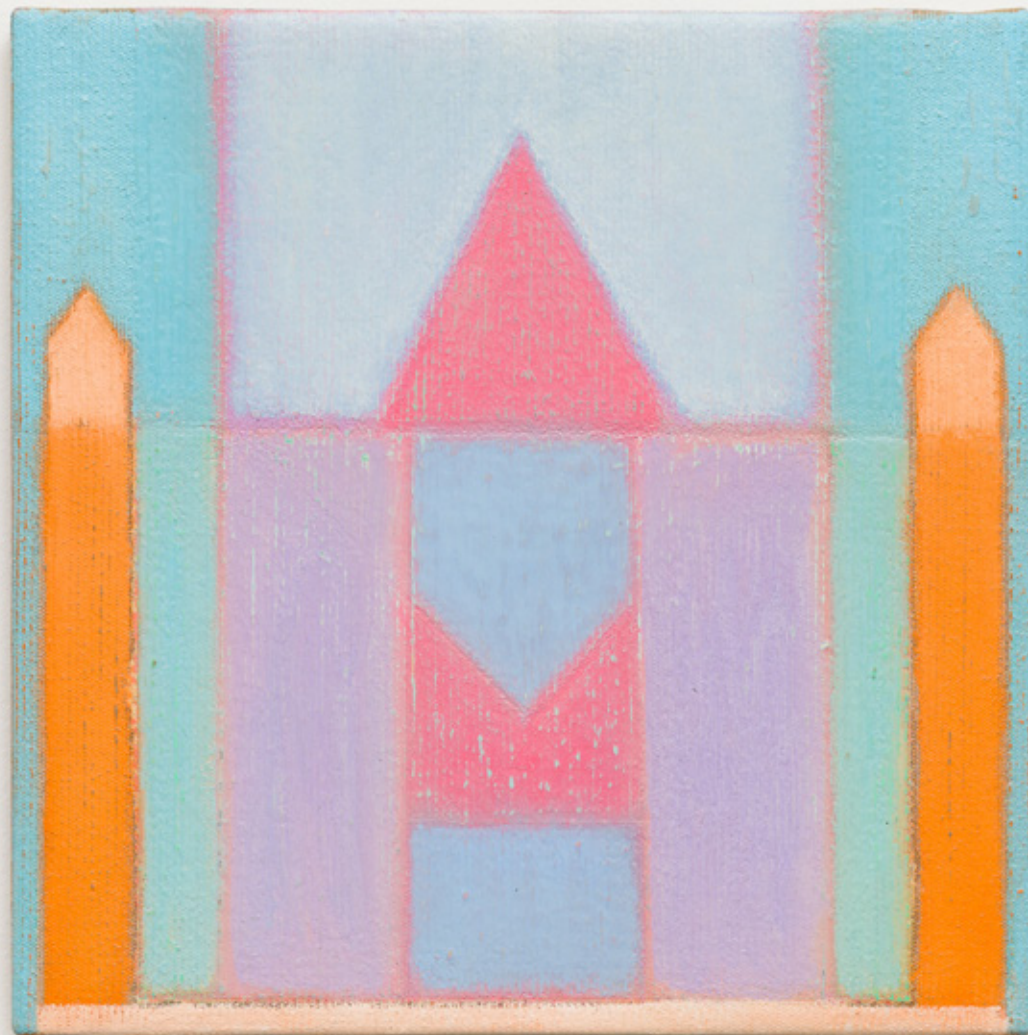
Festa do interior - Nº 05, 2022

óleo sobre linho

40 x 40 cm

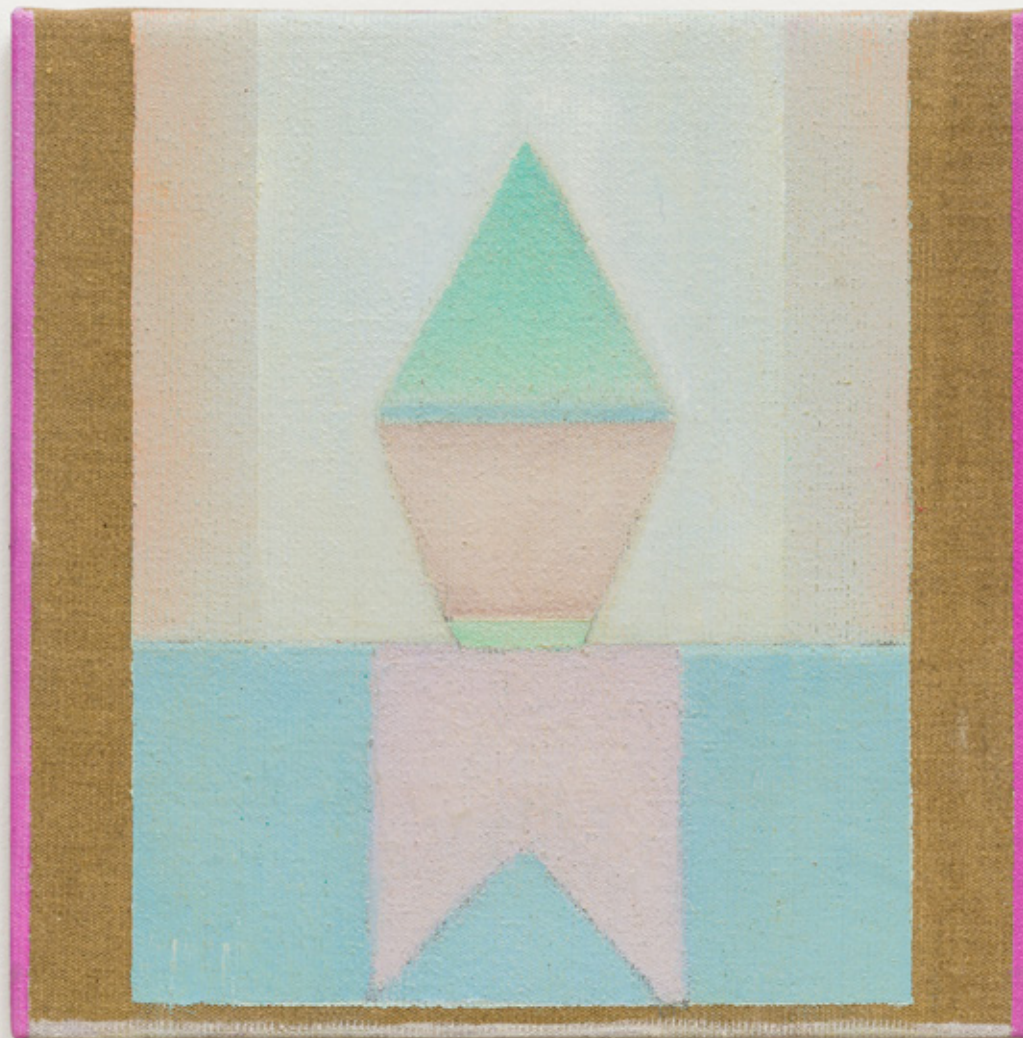
oil on linen

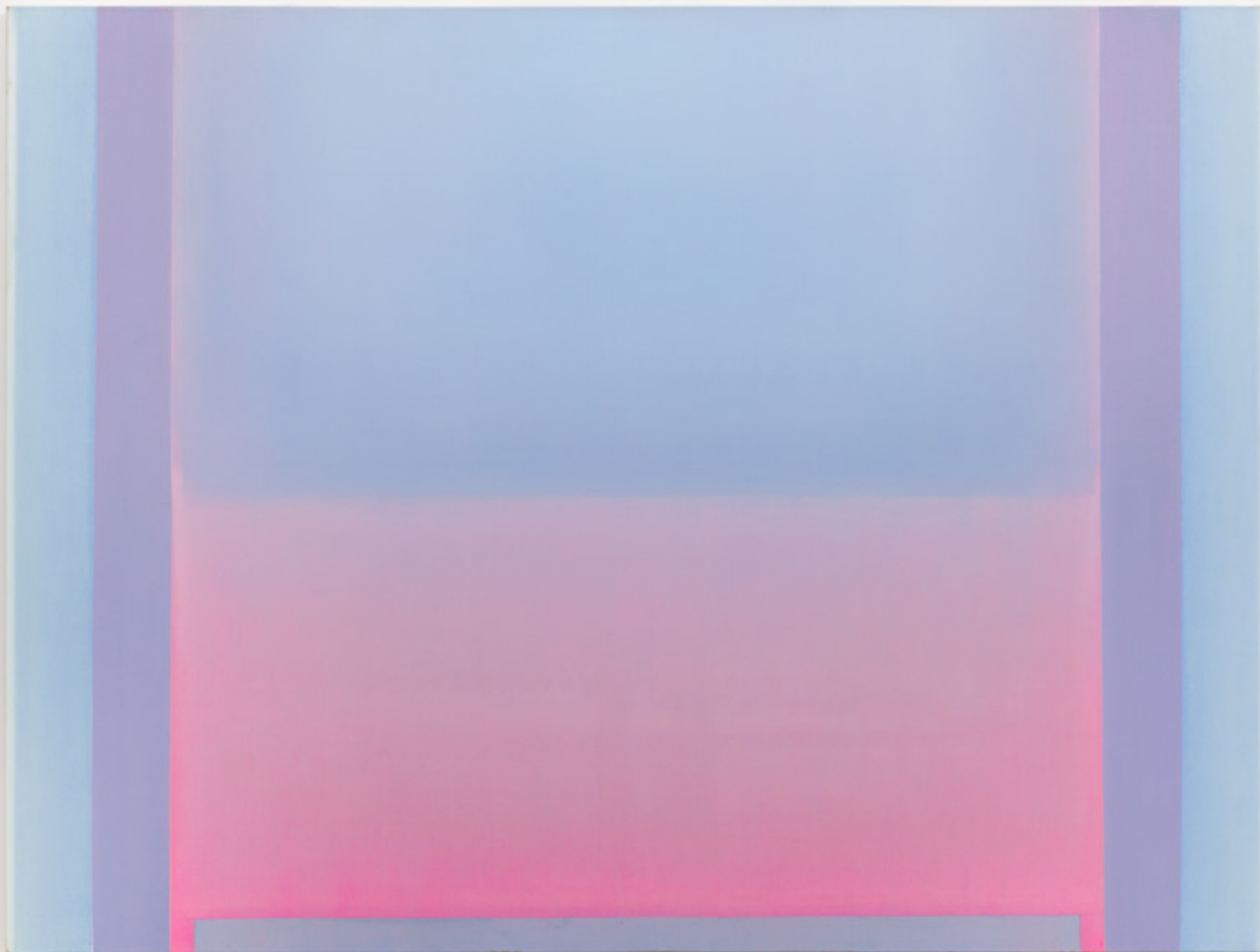
15 ¾ x 15 ¾ in





Festa do interior - Nº 06, 2022  
óleo sobre linho  
40 x 40 cm  
oil on linen  
15 ¾ x 15 ¾ in





**Festa do interior - Nº 13, 2022**

óleo sobre linho

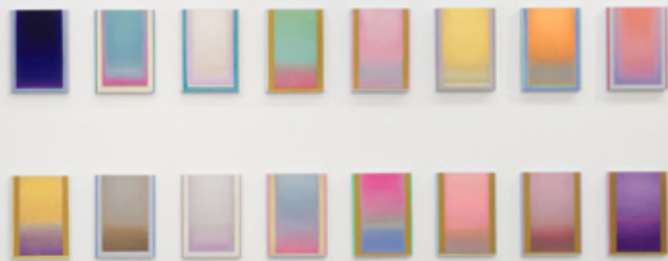
150 x 200 cm

oil on linen

59 x 78 ¾ in

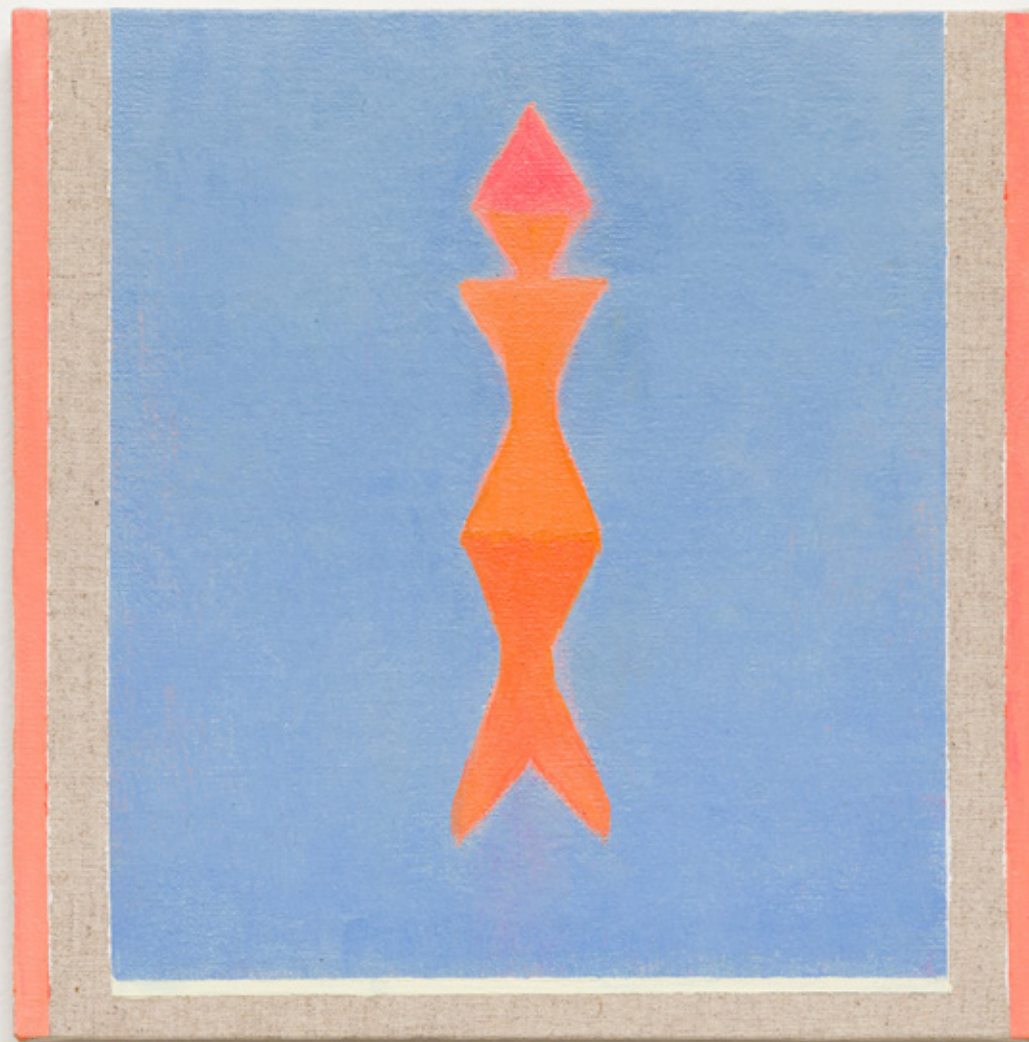








Festa do interior - Nº 11, 2022  
óleo sobre linho  
30 x 30 cm  
oil on linen  
11 ¾ x 11/ ¾ in

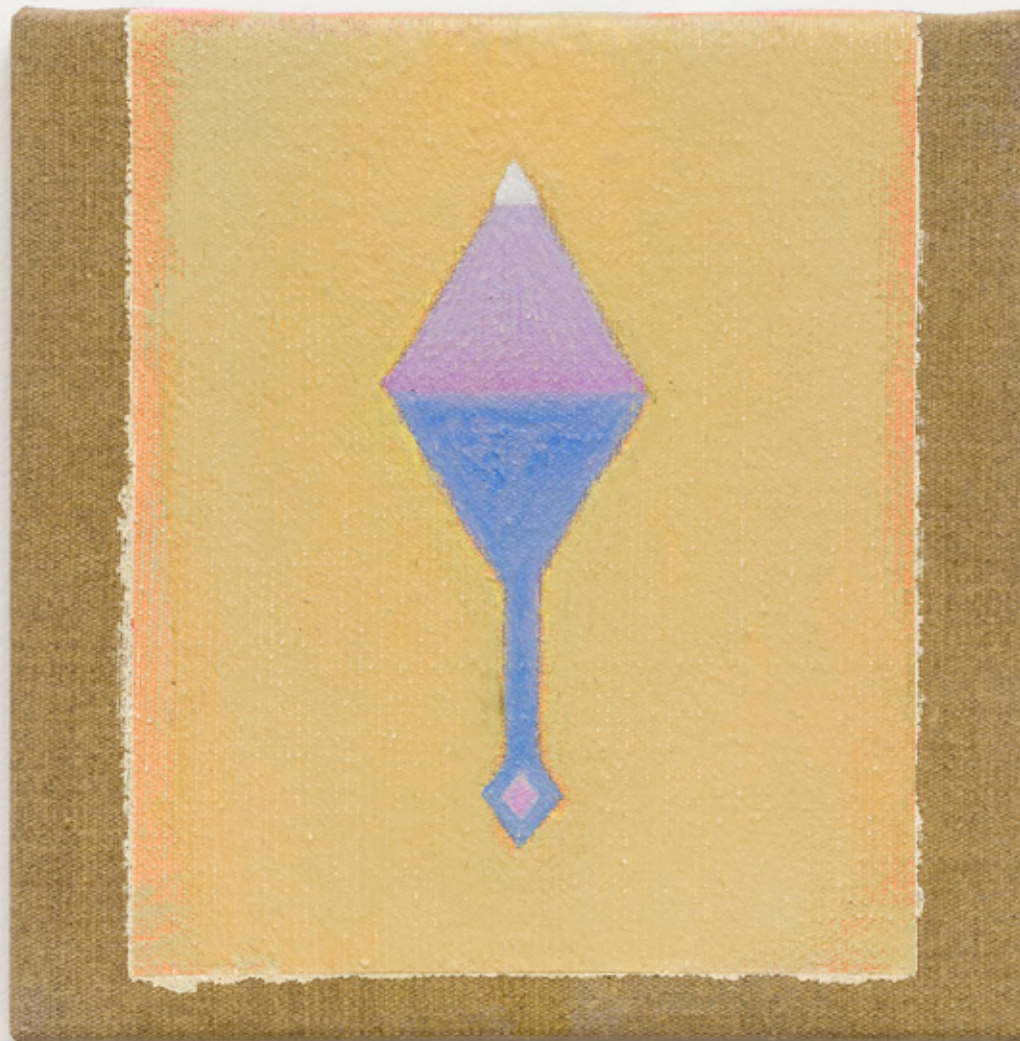






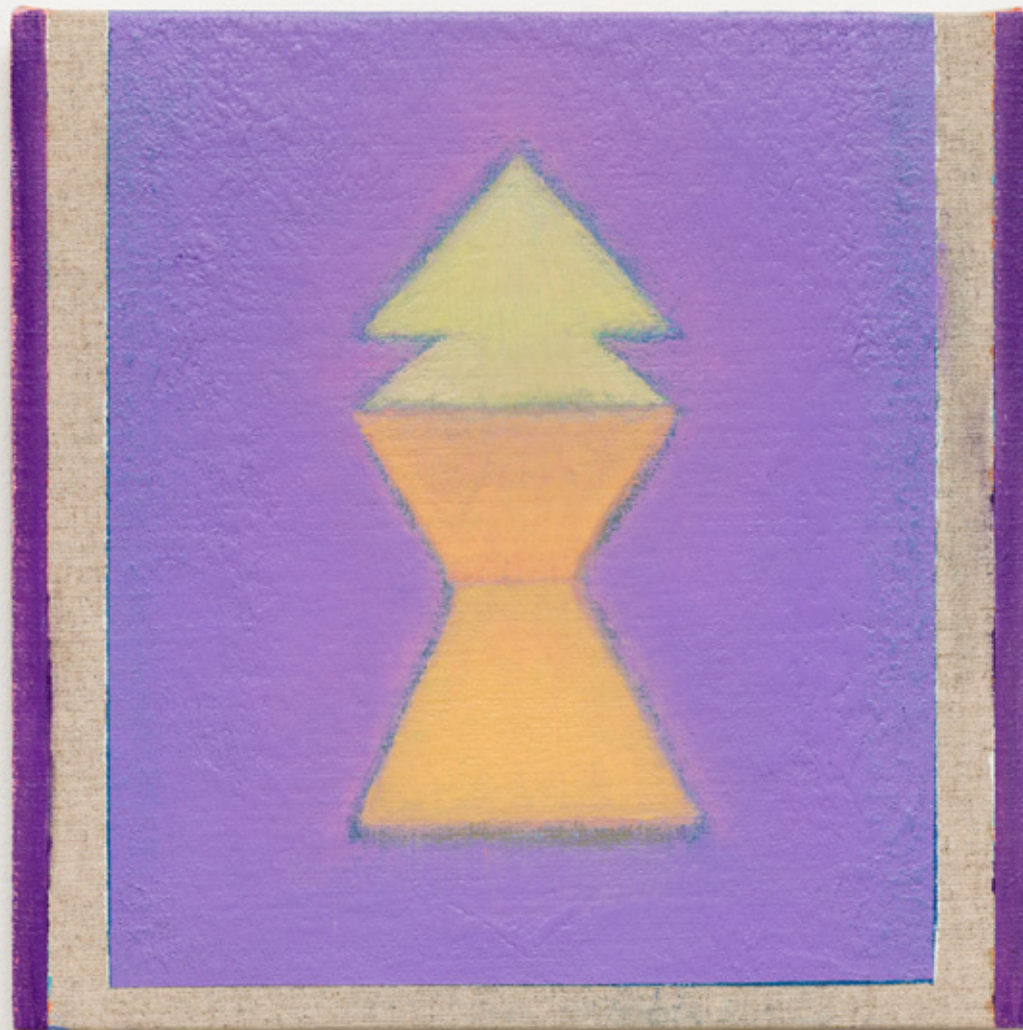


Festa do interior - Nº 09, 2022  
óleo sobre linho  
30 x 30 cm  
oil on linen  
11 3/4 x 11 3/4 in





Festa do interior - Nº 10, 2022  
óleo sobre linho  
30 x 30 cm  
oil on linen  
11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> x 11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> in

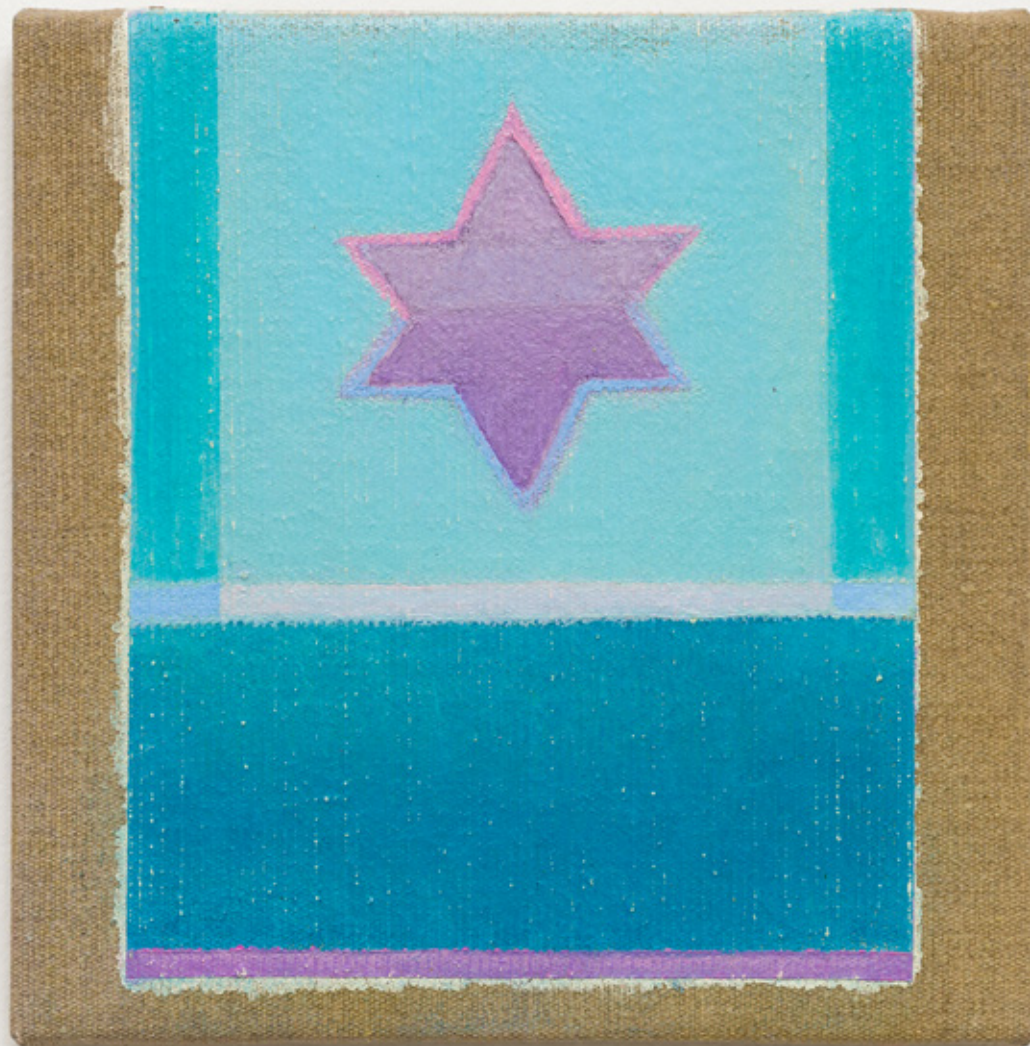








Festa do interior - N° 08, 2022  
óleo sobre linho  
30 x 30 cm  
oil on linen  
11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> x 11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> in





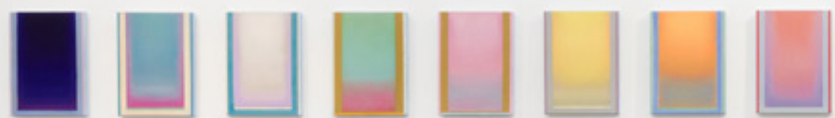




Festa do interior - Nº 0, 2022  
óleo sobre tela  
150 x 150 cm  
oil on canvas  
59 x 59 in









Festa do interior, 2022

óleo sobre tela

32,3 x 23,3 cm cada

oil on canvas

12 1<sup>4</sup>/<sub>16</sub> x 9 1<sup>7</sup>/<sub>16</sub> in each



**Festa do interior, 2022**

óleo sobre tela

32,3 x 23,3 cm cada

oil on canvas

12  $1\frac{1}{8}$  x 9  $\frac{1}{7}$  in each



Festa do interior - Nº 07, 2022  
óleo sobre linho  
30 x 30 cm  
oil on linen  
11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> x 11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> in







**Sergio Lucena** (João Pessoa, 1963) frequentou os cursos de bacharelado em física e psicologia, ambos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, mas interrompeu a graduação para dedicar-se à arte. Em 1982, deu início ao estudo de técnicas de desenho e pintura com o artista Flávio Tavares (1950). Passou um período na Chapada dos Guimarães e, no seu retorno à João Pessoa, em 1988, começou a conviver com o ideário do Movimento Armorial de Ariano Suassuna – que valorizava as expressões populares e seus mitos fundadores –, com considerável impacto em seus primeiros anos de sua produção. Foi nesse momento, inclusive, que o artista deixou a acrílica de lado e assumiu, definitivamente, a tinta a óleo.

O ponto de partida de sua produção pictórica residia na representação de seres inventados e fantasiosos. As figurações típicas deste início de carreira faziam referência ao fantástico imaginário nordestino, no qual já se identificava o interesse presente e permanente que atravessa toda sua trajetória: a complexa e misteriosa relação entre a luz e a sombra. Ao mudar-se para São Paulo, em 2003, começou a se dedicar à pintura de deuses fabulosos – seres híbridos ou quiméricos que, aos poucos, foram dando espaço à pesquisa luminosa que vem sendo foco de sua produção por quase duas décadas.

Desde então, o trabalho de Lucena (sempre sensível às forças da natureza), faz referência às paisagens do sertão que vivem em suas memórias de infância. Ele as transpõe para telas que sugerem vistas com horizontes longínquos, ou cenas mais abstraídas, nas quais uma linha horizontal se dilui em campos de cor de delicado gradiente. Como um verdadeiro convite à contemplação da imensidão, suas obras apresentam uma variedade infinita de matizes luminosos produzidos a partir de uma imensa gama de pigmentos no próprio ateliê. Suas pinturas são construídas com um imensurável acúmulo de matéria, carregando um peso de tinta que parece contradizer a leveza e fineza das rarefeitas pinceladas e das velaturas que ele aplica sobre a tela. Em sua série mais recente, elementos geometrizados começaram a emergir por entre os reluzentes campos coloridos, revelando de maneira mais premente como a presença da arquitetura vernacular do Nordeste, dos símbolos da cultura popular brasileira e das insígnias religiosas sincréticas habitam o imaginário do artista.

Sergio Lucena já realizou inúmeras individuais, como: “Festa do Interior” (2022), Simões de Assis, São Paulo; “Espelho” (2021), Simões de Assis, Curitiba; “The Blue that embraces me” (2021), Mariane Ibrahim Gallery, Chicago; “Enigma” (2015), Mariane Ibrahim Gallery, Seattle; “Horizonte Comum” (2014), Usina Cultural Energisa, João Pessoa; “O Mar de Sergio Lucena” (2011), Centro Cultural Correios, Salvador e Rio de Janeiro; “Deuses” (2007), MuBE, São Paulo; e “Sergio Lucena: pinturas” (1990), Laden Galerie, Berlim. Dentre as principais coletivas destacam-se: “37º Panorama da Arte Brasileira” (2022), MAM, São Paulo; “Paramnésia” (2021); Galeria Cisterna, Lisboa; “J’ai Deux Amours” (2021), Mariane Ibrahim Gallery, Paris; “Common Place” (2018), Mariane Ibrahim Gallery, Seattle; “Kunsthal Vejle Project” (2018), Kunsthal Vejle; “Os desígnios da arte contemporânea no Brasil” (2017), MAC-USP, São Paulo; “Admirável mundo novo, admirável mundo velho” (2015), The Adashi Institute of Woodcut Prints, Tóquio; “Artistas das Três Américas” (1998), Museum of the Americas, Washington; “Surrealismo no Brasil” (1989), Pinacoteca do Estado, São Paulo. Também recebeu premiações nos principais salões de arte do país e, em 2012, foi premiado pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) com o Prêmio Mário Pedrosa, na categoria Artista Contemporâneo.

**Sergio Lucena** (João Pessoa, 1963) studied physics and psychology at the Universidade Federal da Paraíba (UFPB) in João Pessoa, but interrupted his studies to dedicate himself to art. In 1982, he began studying drawing and painting techniques with artist Flávio Tavares (1950). He lived in the Chapada dos Guimarães for a year and, on his return to João Pessoa, in 1988, began to follow the ideals of Ariano Suassuna’s Armorial Movement – which valued popular expressions and its founding myths – with considerable impact on his first years of production. It was at this moment, in fact, that the artist left acrylic paint aside and definitively adopted oil paint.

The starting point of his pictorial production resided in the representation of invented and fantastic beings. The typical figurations of this early career made reference to the uncanny imagery of the Northeastern region of Brazil, in which the ever-present and permanent interest that runs through his entire career could already be identified: the complex and mysterious relationship between light and shadow. After moving to São Paulo in 2003, he began to dedicate himself to painting invented gods – hybrid or chimeric beings that gradually gave way to the investigation into light that has been the focus of his production for almost two decades.

Since then, Lucena’s work (always sensitive to the forces of nature), references the landscapes of the northeastern sertão (hinterlands) that live on in his childhood memories. He transposes them onto canvases, resulting in images that either suggest views of distant horizons, or more abstract scenes, in which a horizontal line is diluted in fields of delicate color gradients. As a true invitation to contemplate immensity, his works present an infinite variety of luminous nuances that derive from an immense range of pigments in his studio. His paintings are built with an immeasurable accumulation of matter, carrying such a heavy layer of paint, which seems to contradict the lightness and fineness of the rarefied brushstrokes and the glazes he applied to the canvas. In his most recent series, geometrized elements have begun to emerge within the shining and colored fields, revealing in a more pressing way how the presence of the vernacular architecture of the Northeast, the symbols of Brazilian popular culture, and syncretic religious insignias inhabit the artist’s imaginary.

Sergio Lucena has held several solo exhibitions, such as: “Festa do Interior” (Folk Festivities, 2022), Simões de Assis, São Paulo; “Espelho” (Mirror, 2021), Simões de Assis, Curitiba; “The Blue that embraces me” (2021), Mariane Ibrahim Gallery, Chicago; “Enigma” (2015), Mariane Ibrahim Gallery, Seattle; “Horizonte Comum” (2014), Usina Cultural Energisa, João Pessoa; “O Mar de Sergio Lucena” (2011), Centro Cultural Correios, Salvador and Rio de Janeiro; “Deuses” (2007), MuBE, São Paulo; “Sergio Lucena: pinturas” (1990), Laden Galerie, Berlin. Among the main group shows are: “37º Panorama da Arte Brasileira” (2022), MAM, São Paulo; “Paramnésia” (2021), Galeria Cisterna, Lisbon; “J’ai Deux Amours” (2021), Mariane Ibrahim Gallery, Paris; “Common Place” (2018), Mariane Ibrahim Gallery, Seattle; “Kunsthal Vejle Project” (2018), Kunsthal Vejle; “Os desígnios da arte contemporânea no Brasil” (2017), MAC-USP, São Paulo; “Admirável mundo novo, admirável mundo velho” (2015), The Adashi Institute of Woodcut Prints, Tokyo; “Artistas das Três Américas” (1998), Museum of the Americas, Washington; “Surrealismo no Brasil” (1989), Pinacoteca do Estado, São Paulo. He also received awards in major art salons and, in 2012, was awarded the “Prêmio Mário Pedrosa” by the Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), in the Contemporary Artist category.



# SIMÕES DE ASSIS

## **São Paulo**

rua sarandi 113a  
01414-010 sp brasil  
+55 11 3063-3394

## **Curitiba**

al. carlos de carvalho 2173a  
80730-200 pr brasil  
+55 41 3232-2315